

ETERNIDADE DE DEUS E ETERNIDADE DO MUNDO EM BOÉCIO¹

Guy Hamelin

UNB

A contribuição de Boécio para a questão da eternidade é determinante nas discussões teológico-filosóficas sobre os atributos divinos e sobre o antigo problema da eternidade do mundo, discutido intensamente a partir do século XII. A concepção do pensador romano acerca desse tema constitui, junto com a do seu célebre predecessor Agostinho², o ponto de partida praticamente incontornável para debater ou elaborar novas idéias relativas ao mesmo ou às questões diretamente ligadas a ele, como a sobre o tempo ou, de maneira mais específica, a sobre as modalidades lógicas³. Boécio discute a eternidade principalmente no livro 5 da prosa 6 da sua famosa obra *De philosophiae consolatione*⁴, ainda que o problema reapareça em algumas das discussões dos seus tratados teológicos, sobretudo no *Quomodo Trinitas unus Deus ac non tres Dii*⁵.

(1) Agradeço a Jonas da Nobrega pela revisão do português.

(2) Cf. *Confessiones* XI; *De civitate dei contra paganos* XI, 21.

(3) Cf. Knuuttila, S. Time and Modality in Scholasticism, in: S. Knuuttila (ed.), *Reforging The Great Chain of Being: Studies in The History of Modal Theories*. Dordrecht: Reidel, 1981, p.163-257; Knuuttila, S. *Modalities in Medieval Philosophy*. London & New York: Routledge, 1993.

(4) O'Donnell, James J. (Ed). *Boethius Consolatio Philosophiae*. Bryn Mawr Latin Commentaries. Bryn Mawr, PA: Bryn Mawr College, 1984; Boethius, A.M.S. *De consolatione philosophiae*, in: Migne, J.-P. (ed.), *Patrologia Latina*. Vol. 63. Paris: J.-P Migne Éditeur, 1847.

(5) Boethius, *The Theological Tractates*. With an English Translation by H.F. Stewart & E.K. Rand. *The Consolation of Philosophy*, revised by H.F. Stewart. London/New York: William Heinemann & G.P.

No presente artigo, tratamos do problema da eternidade em dois de seus aspectos mais fundamentais. Em primeiro lugar, examinamos a questão da eternidade em relação a Deus. Esse tema constitui o essencial das discussões sobre a eternidade na época de Agostinho e de Boécio. De maneira mais específica, apresentamos, antes de mais nada, a famosa definição da eternidade formulada por Boécio na *Consolatio*, tão influente nos séculos posteriores. Ela é, por exemplo, retomada sem modificações por Tomás de Aquino na *Summa theologiae*⁶. Trata-se de analisar, em seus pormenores, os principais componentes dessa definição, com o objetivo de esclarecer pontos submetidos, tradicionalmente, à polêmica. Em segundo lugar, examinamos o que Boécio afirma acerca da questão da eternidade do mundo. Para o próprio Boécio, esse último tema é bastante secundário nas suas discussões sobre a questão da eternidade, mas sua concepção merece ser conhecida, na medida em que se torna um problema de predileção na segunda metade da Idade Média. Em suma, procuramos, primeiramente, apresentar a descrição da eternidade em Boécio e examinar, em seguida, as várias interpretações e dificuldades ligadas a essa concepção.

Eternidade de Deus

No *De philosophiae consolatione* (V, 6), Boécio apresenta uma definição da eternidade que vai se tornar um *locus classicus* nas discussões dos últimos séculos da Idade Média. O contexto no qual ela aparece é bem conhecido. Trata-se de esclarecer uma questão teológico-filosófica bastante delicada: como o homem é livre, se Deus conhece tudo, inclusive as suas ações futuras? Se essas já são conhecidas com antecedência, isso não implica que o mundo é determinado? A resolução dessa aporia acha-se, de maneira decisiva, na explicação dada por Boécio da eternidade. Deus sabe tudo não no tempo, mas na eternidade. Diante disso, surge

Putnam's Sons, 1918. Boèce. *Traité théologique*. Édition bilingue. Présentation, traductions, chronologie, bibliographie et notes par Axel Tisserand. Paris: GF Flammarion, 2000.

(6) S.T. I, q.10, a.1.

uma nova pergunta: o que é a natureza desta eternidade, que deixa livre o homem? Para responder a esta última interrogação, é preciso expor a famosa descrição da eternidade que sustenta todo esse raciocínio:

“Procuremos portanto ver o que é a eternidade, pois é ela que nos esclarece sobre a natureza divina bem como sobre sua sabedoria. Pois bem, a eternidade é a posse inteira e perfeita de uma vida ilimitada, tal como podemos concebê-la conforme ao que é temporal⁷.”

Ao apresentar essa definição, é claro que o interesse imediato de Boécio consiste, antes de tudo, em tentar elucidar o mistério da natureza e do saber divinos. Segundo suas convicções, essa é a única maneira de explicar a conduta humana aparentemente determinada. A questão da eternidade, tal como vista por Boécio, diz respeito, então, a duas das mais importantes divisões históricas da filosofia, ou seja, a metafísica e a epistemologia. Quanto à parte diretamente ligada à questão da eternidade, apenas a segunda sentença desse trecho nos interessa. Examinemos, portanto, cada um de seus componentes.

Há quatro elementos fundamentais que descrevem a eternidade nessa definição. Primeiro, é claramente dito que aquilo que é eterno possui, segundo Boécio, a vida (*uita*). Essa primeira afirmação é mais radical do que parece à primeira vista. Além de excluir certas formas de realidade, como os números e outros objetos da matemática ou da geometria, essa descrição também elimina realidades lógicas fundamentais, tais como a verdade e o significado. Portanto, entidades habitualmente aceitas por defensores do realismo dos universais como objetos eternos são aqui claramente excluídas do universo boeciano da eternidade. É

(7) ‘Quid sit igitur aeternitas consideremus; haec enim nobis naturam pariter diuinam scientiamque patefacit. Aeternitas igitur est interminabilis uitae tota simul et perfecta possessio. Quod ex collatione temporalium clarius liquet.’ O’Donnell, James J. (Ed). *Boethius Consolatio Philosophiae. Op. cit.* Livro 5, Prosa 6. A tradução portuguesa usada, que tem erros graves e à qual, voltaremos mais adiante, é de Willian Li, Boécio, *A Consolação da Filosofia*, prefácio de Marc Fumaroli. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p.150.

claro que isso não implica que a própria concepção lógico-metafísica de Boécio não seja de tendência realista no que diz respeito aos universais. Mas ela traz como consequência que esses tipos de entidade não pertence, *sticto sensu*, ao mundo dos universais como tal, à maneira dos objetos matemáticos platônicos, que não fazem parte do mundo dos exemplares ou das Idéias⁸. Existe, todavia, uma consequência ainda mais problemática dessa concepção, segundo a qual a eternidade possui a vida. De fato, ela elimina completamente a possibilidade de que o próprio mundo seja eterno, a não ser que o mundo seja considerado de maneira metafórica ou, um pouco como o pretendem os antigos estóicos, como um tipo de entidade viva⁹.

Em seguida, a definição não diz respeito a qualquer tipo de vida, mas, sim, à vida ilimitada (*interminabilis*), ou seja, a vida do que é eterno também é ilimitada. Em outras palavras, o que é eterno não tem começo nem fim. Essa precisão corresponde à descrição habitual da noção de eternidade, enquanto se opõe à imortalidade, na medida em que essa última não tem fim, mas, sim, um início. O acréscimo desse epíteto (*interminabilis*) elimina praticamente do mundo da eternidade todas as entidades vivas conhecidas, tanto as materiais quanto as imateriais, como os anjos¹⁰ e a alma, ambos de origem divina, pelo menos segundo a concepção das grandes religiões monoteísticas.

(8) Cf. *República* VI, 509-511.

(9) 'The key words in the Stoic vocabulary are all basically synonymous: God, Zeus, creative fire, ether, the word (logos), reason of the world, soul of the world, law of nature, providence, destiny, and order. The Stoics were monists. There is in their physics no qualitative difference between God and the rest of the universe; God is only the most tense (cohesive) creative aspect of the universe. The stuff which he informs comes from him, is sustained by him, and differs from him only by being more relaxed and less creative.' Philip P. Hallie, *Stoicism, The Encyclopedia of Philosophy*. ed. Paul Edwards. Vol. 8. New York/London: Macmillan Publishing Co., Inc. & The Free Press/Collier Macmillan Publishers, 1967, p.21. Esse trecho é representativo da concepção metafísica da maioria dos estóicos.

(10) 'La littérature biblique – recueillant à son tour des motifs des religions babylonienne et iranienne – ne présente pas une doctrine angéologique homogène, mais des données éparses

O terceiro ponto de nossa análise é implícito e deriva do vocábulo *interminabilis*, na medida em que esse pode, se referir a uma existência eterna sem extensão, como um único instante, ou a uma existência eterna que tem uma duração infinita. Trata-se das duas interpretações comuns encontradas na história da filosofia¹¹. No primeiro caso, o que é eterno é ilimitado no sentido em que ele é, de maneira absoluta, sem extensão, bem como sem começo nem fim. Na segunda alternativa, a eternidade é ilimitada por causa de sua duração infinita.

O último componente dessa definição contém a seguinte expressão: ‘a posse inteira e perfeita’ (*tota simul et perfecta possessio*). A tradução aqui tem a sua importância. Se traduzirmos *tota simul* pela palavra ‘inteira’, como o faz acima o tradutor português, poderíamos perder o sentido exato veiculado pela descrição. Boécio quer, quanto a isso, opor uma existência temporal, como o assinala na última frase do trecho apresentado – ‘tal como podemos concebê-la conforme ao que é temporal’ (*quod ex collatione temporalium clarius liquet*) –, a uma existência atemporal, que se vive ‘simultaneamente de uma só vez’. Essa última expressão constitui, sem dúvida, uma tradução de *tota simul* que fica mais perto do sentido latino. Nesse caso, é claro que um ser vivo mortal possui (*possessio*) a sua vida, mas ele não a possui completamente de uma só vez. Por outro lado, o ser vivo eterno tem a posse, segundo a definição de Boécio, de toda a sua vida de uma só vez (*tota simul*). A consequência imediata disso é: aquilo que é eterno, não o é no tempo. Chegamos assim a uma justaposição de noções que são incompatíveis, para não dizer que estamos em presença de, pelo menos, duas contradições aparentes. A primeira é que aquilo que é eterno tem uma vida, mas não qualquer uma: trata-se de uma vida atemporal. A segunda é que a eternidade implica atemporalidade e, ao mesmo tempo, não-extensão – sem sucessão – ou não duração, como vimos no ponto anterior. Mas antes de examinar

pouvant être résumées en quatre éléments majeurs: les anges ont été créés par Dieu ...’ Suarez-Nani, Tiziana. ‘Angéologie’. *Dictionnaire du moyen âge*. C. Gauvard, A. de Libera & M. Zink (Ed). Paris: PUF, 2002, p.56b.

(11) Cf. N. Kretzmann & E. Stump, *Eternity*, *Routledge Encyclopedia of Philosophy*. Vol.3. London/New York: Routledge, 1998, p. 422-427.

cada uma dessas dificuldades, temos, primeiro, de analisar o termo central da última parte da definição, ou seja, o vocábulo ‘posse’ (*possessio*).

A eternidade é uma posse perfeita e de uma só vez de uma vida ilimitada. O que pode significar a palavra ‘posse’ (*possessio*) nesse contexto? É provável que Boécio use esse termo na sua acepção habitual, isto é, o que é eterno está em um estado de ter em seu poder ou de fruir simultanea e perfeitamente uma vida ilimitada. Na interpretação teológica de Tomás de Aquino da definição boeciana da eternidade, o vocábulo *possessio* designa a imutabilidade de Deus, ou seja, o fato de que Ele tenha a plenitude da perfeição total do ser implica que não adquira nada e que seja imutável – o que é mutável somente adquire algo pelo movimento. Portanto, Deus não pode ter algo que não possuía anteriormente. Ele tem a posse perfeita e de uma só vez de uma vida ilimitada. Trata-se do argumento da perfeição divina¹². Por outro lado, o mesmo termo não possui um sentido filosófico preciso na literatura, ainda que seu equivalente, nas línguas derivativas do latim, tenha uma acepção técnica exata. Como o vocábulo francês *possession*, o inglês *possession*, o italiano *possessione* ou o espanhol *posesión*, a palavra portuguesa ‘posse’ serve normalmente para traduzir a noção aristotélica de *hexis* (ἕξις), tal como se acha no décimo capítulo das *Categorias*, isto é, na seção consagrada aos opostos. Trata-se da *hexis* no seu sentido transitivo e não da primeira qualidade, tal como está discutida no capítulo oito do mesmo tratado. No caso que nos interessa, a posse (*hexis*) opõe-se à privação (*sterêsis* – στέρησις), ou seja, segundo os próprios termos de Aristóteles:

“Privação e posse são ditas a respeito de uma mesma coisa, como por exemplo a visão e a cegueira a respeito do olho; e, como regra geral, é a respeito daquilo em que a posse naturalmente ocorre que cada uma delas é dita¹³.”

(12) Esse argumento é desenvolvido pelo cônego Lyons, *La somme de saint Thomas d'Aquin résumée en tableaux synoptiques*. Nice/Montréal: Imprimerie industrielle des ateliers de la Place d'Armes/Éditions apostolicum, 1957, p.24-25.

(13) *Categorias* X, 12a 25-35. A tradução portuguesa usada é: Aristóteles. *Categorias*. Tradução, introdução e comentário de Ricardo Santos. Porto: Porto Editora, 1995, p. 60. Cf *Metafísica* V, 22 *et passim*.

O lógico romano conhece bem esse tipo de oposição, mas não usa, no seu *Comentário às 'Categorias'*¹⁴, o termo latino *possessio* para traduzir o grego ἔξις, mas, sim, *habitus*. Assim, aquilo que se opõe à privação (*priuatio*) é representado pelo vocábulo *habitus*, o qual também serve para traduzir a qualidade do primeiro gênero ἔξις (estado permanente), enquanto se apresenta em oposição à disposição (διόθεσις)¹⁵. Portanto, o termo *possessio*, que usa Boécio na sua definição da eternidade, não tem, *stricto sensu*, um sentido técnico, ainda que seja claro que a privação de uma vida ilimitada se opõe, para uma mesma coisa, à posse da eternidade.

Vimos que a definição da eternidade de Boécio conduz, aparentemente, a impasses. O mais importante é o fato de que aquilo que é eterno não está no tempo. A eternidade implica atemporalidade e ausência de extensão ou duração, segundo as interpretações. É importante enfatizar que a realidade do tempo não é rejeitada, nem é uma ilusão na concepção da eternidade de Boécio. De fato, ele acredita que a realidade inclui o tempo e a eternidade como dois modos distintos da existência real, dois modos certamente irreduzíveis um ao outro, mas não incompatíveis. Então, como essa justaposição da eternidade e da atemporalidade gera uma dificuldade?

A interpretação da atemporalidade mais plausível é aquela que implica uma certa duração, pois ela fica de acordo com o próprio texto do Boécio, o *De philosophiae consolatione*, no qual ele tenta explicar a questão da Providência divina e da liberdade humana, que só pode ser concebida dentro de uma certa duração¹⁶. Além da etimologia da própria palavra *Aeternitas*, que é formada a partir do vocábulo *aeuum* (αἰών), o qual significa, na sua primeira acepção, 'duração contínua ou ilimitada', existem várias outras passagens na obra de Boécio que também vão nessa direção, como no *De fide catholica*, no qual afirma:

(14) *In categorias Aristotelis. Libri quatuor*. p.264C sqq. In *Manlii Severini Boetii opera omnia. Patrologia latina*: vol.64, tomus posterior, ed. J.-P. Migne. Paris, 1847.

(15) *Categorias VIII*.

(16) Ver a nota 24 *infra*.

“Portanto, a natureza divina, perdurando de toda eternidade e para a eternidade, sem mutabilidade alguma, quis, em um ato de vontade espontâneo conhecido só dela, fabricar o mundo; e já que esse absolutamente não era, ela o fez, para que seja.¹⁷”

O principal problema ao considerar a eternidade como uma duração atemporal é o seguinte. A própria palavra ‘duração’ significa, em geral, a persistência através do tempo. Daí a incoerência ao associar atemporalidade e duração, ou seja, a eternidade como atemporalidade perdurando no tempo. Essa contradição aparente pode ser resolvida?

O exame dos componentes da definição da eternidade de Boécio, mesmo que eles sejam tomados em sua acepção comum ou mais teórica, conduz a uma situação sem saída, ou seja, é preciso concluir que as noções de atemporalidade e de duração são incompatíveis. Podemos, por exemplo, pensar que uma duração atemporal seja um tipo de extensão. Ora, sendo assim, ela pode ser divisível, como qualquer extensão. Logo, essa duração não pode ser toda de uma só vez ou atemporal. Também podemos estimar que a duração atemporal tenha de se opor à duração temporal, sendo esta criada com o mundo, como o acredita Agostinho¹⁸. Isso implica que, contrariamente ao que pensa o Bispo de Hipona, não exista algo no tempo antes da criação, além de Deus vivendo na eternidade, pois não pode haver nada de temporal antes de um início. A própria idéia de início pressupõe que houvesse alguma coisa antes, como na explicação contemporânea da formação do universo com a teoria do *Big Bang*: o que havia antes desse fenômeno?¹⁹ Tem de haver algo, senão não há início!

(17) ‘Ergo diuina ex aeterno natura et in aeternum sine aliqua mutabilitate perdurans sibi tantum conscia uoluntate sponte mundum uoluit fabricare eumque cum omnino non esset fecit ut esset.’ *De fide catholica* 17, in Boèce. *Traitéés théologiques*. *Op. cit.* p.178. A tradução portuguesa é nossa. Ver a nota 27 *infra*.

(18) *Confessiones* XI.

(19) ‘Astronomers infer that conditions before the birth of the universe were unimaginably chaotic and superdense, with temperatures greater than 1,500 billions°K.’ *The New York Public Library Science Desk Reference*. Patricia Barnes-Svarney (Ed), New York: MacMillan, 1995, p.314.

Quanto à interpretação menos provável da atemporalidade como ausência de extensão, isto é, como um único instante, ela não comporta exatamente as mesmas dificuldades que as levantadas pela concepção da atemporalidade como duração, mas também não é isenta de problemas importantes. Como pensar, nesse caso, a inter-relação entre o mundo eterno e o mundo temporal? Como é possível a intervenção divina no mundo? Por fim, o que constitui a maior desvantagem, como conceber esse único instante, se for possível?

Limitando nossa explicação à interpretação mais plausível da atemporalidade como duração, temos o problema de que ela sempre pressupõe a idéia de uma extensão espaço-temporal, que é contrária à própria concepção da eternidade. Então, o termo 'duração', aplicado à questão da eternidade, não pode ser usado no seu sentido comum, nem em um pressuposto sentido técnico. Ele tem de ser tomado de maneira analógica, como é comum nas interpretações teológicas. O método de interpretação analógica é, de fato, eficiente para evitar o antropomorfismo, que usa de maneira unívoca os termos, e, também, o simbolismo, que faz um uso equívoco dos vocábulos, mesmo que este último seja mais aceitável do que aquele, segundo a tradição tomista, por exemplo²⁰. Enquanto seja claro que qualquer tipo de antropomorfismo tem de ser evitado nessas discussões, também é preciso enfatizar que há, na verdade, uma limitação séria ao uso de termos de maneira equívoca em relação à divindade, pois isso conduz a uma forma de agnosticismo, como o afirmam Kretzmann e Stump:

"This sort of problem (conhecer o sentido exato da palavra 'duração') has become familiar in connection with discourse about God. It has often been pointed out that to use

(20) '...the employment of analogy enables the theologian and the philosopher to avoid the Scylla of 'anthropomorphism', which by the use of 'univocal' concepts assumes the unqualified similarity between God and man, and the Charybdis of 'symbolism', which by the use of 'equivocal' concepts tends to presuppose their total dissimilarity. It should be noted that theologians in the tradition of St. Thomas and Cajetan who employ the method of analogy regard the errors by the 'symbolists' as less grievous than those of the 'anthropomorphists.' *The Oxford Dictionary of The Christian Church*. F. L. Cross & E.A. Livingstone (eds.), second edition. Oxford: Oxford University Press, 1974, p.48.

ordinary terms univocally of God and creatures is to deny the transcendence of God, but to use them equivocally masks a radical agnosticism about God's nature and activity²¹."

Nesse caso, parece que a única solução para entender a concepção da eternidade de Boécio, assim como vários outros discursos religiosos, reside na predicação analógica, ou seja, interpretando analogamente os termos chaves da sua definição. Como dizem os mesmos comentadores, no seu recente artigo intitulado *Eternity*²², trata-se de analisar palavras de uma língua comum usadas em um contexto incomum, isto é, de examinar um uso extraordinário de termos ordinários, com objetivo de explicar a noção de eternidade como 'uma vida ilimitada possuída perfeitamente toda de uma só vez'.

A duração atemporal é análoga à duração temporal, no sentido que aquela duração possui um modo de existência que é inteiramente em um presente que é infinito, em vez de ser instantâneo. Dessa forma, a duração atemporal, como presente infinito, conserva todas as propriedades exigidas, como a ausência de começo ou de termo e a existência possuída inteiramente, de uma só vez, sem sucessão e presente completamente em seu possessor. Essa concepção da duração atemporal está muito próxima da posição platônica²³, como sendo a verdadeira duração sem tempo, isto é, uma duração que serve de referência à duração temporal, que diz respeito apenas ao mundo das aparências.

Mas a explicação analógica da definição da eternidade de Boécio não resolve todos os problemas, pois ficam não resolvidas, por exemplo, questões ligadas à

(21) N. Kretzmann & E. Stump. *Eternity*. *Op. cit.* vol.3, p.423.

(22) *Ibid.*

(23) 'Quoi qu'il en soit, le temps est né avec le ciel, afin que, nés ensemble, ils soient aussi dissous ensemble, s'ils doivent jamais être dissous, et il a été fait sur le modèle de la nature éternelle, afin de lui ressembler dans toute la mesure du possible. Car le modèle est existant durant toute l'éternité, tandis que le ciel a été, est et sera continuellement pendant toute la durée du temps.' Platão, *Timeu* 38c in Platon. *Sophiste-Politique-Philèbe-Timée-Critias*. Traduction, notices et notes par Émile Chambry. Paris: Garnier Flammarion, 1969, p.417. Cf. *Timeu* 37d-38c; Plotino, *Enéades* III, 7.

intervenção divina no mundo temporal ou aos atos cognitivos ou de volição de Deus: como um Deus atemporal pode se lembrar ou planejar no futuro? Esses problemas também se relacionam com a concepção da atemporalidade como sendo sem extensão. Podemos tentar dar soluções, pensando, por exemplo, que um Deus atemporal pode, no seu presente eterno, intervir diretamente em eventos que são passados apenas em relação a nós, ou estar ciente de acontecimentos que são futuros, ainda aqui em relação apenas a nós. Também podemos pensar com o Kirwan que, comentando a questão da eternidade em Agostinho, explica que a atribuição da duração à existência divina serve, justamente, para conciliar o mundo eterno com o mundo temporal, e, assim, responder a esse tipo de questionamentos²⁴. Todavia, a concepção de um Deus eterno, possuindo inteiramente uma existência em um presente infinito, harmoniza-se bem com a própria definição de Boécio, segundo a qual esse Deus 'possui completamente, toda de uma só vez, uma vida ilimitada'.

Eternidade do mundo

A descrição da eternidade que acabamos de examinar, como 'posse inteira e perfeita de uma vida ilimitada', aplica-se a Deus. A sua utilização para caracterizar o mundo parece ser excluída por uma única razão: ela diz respeito apenas a um ser vivo. Todavia, Boécio discute a questão da eternidade do mundo e dá uma explicação clara do temporal. À maneira de Platão e de Agostinho, como vimos, Boécio compara a sua definição da eternidade com o temporal, a fim de facilitar a sua compreensão. Trata-se de um enfoque reiterado no conjunto de sua obra²⁵. Como ele diz, não há nada, neste mundo, que viva fora do presente tem-

(24) '...the point of attributing *duration* outside time to God's existence is presumably to match his existence to the temporal durations of our own lives and other events.' Kirwan, C. *Augustine*. London/New York: Routledge, 1989, p.169.

(25) 'Ne consegue, in primo luogo, che il fato è subordinato alla provvidenza, così come il tempo è subordinato all'eternità dalla quale deriva, e che dunque tutto quel che è sottoposto al fato è pure

poral, ou seja, o ser vivo no tempo presente vem do passado e se dirige para o futuro. Em outras palavras, nada de temporal pode, neste mundo, abranger todo o espaço da sua vida de uma só vez.

“Com efeito, todo ser que vive o presente no tempo vem do passado e caminha para o futuro, e não há nada relacionado ao tempo que possa abarcar toda a extensão (*spatium*) de uma vida ao mesmo tempo.²⁶”

A influência de Agostinho é aqui evidente²⁷. O ser animado temporal vive em um tipo de presente ideal, que vem do passado e encaminha-se logo para o futuro²⁸. Notamos que Boécio não reserva a palavra *spatium* apenas para discutir a respeito dos seres temporais, pois também usa, um pouco mais adiante, a mesma para se referir a uma extensão ou uma duração infinita, que nenhuma vida temporal pode alcançar²⁹. Apenas a natureza divina possui essa capacidade de abarcar tudo de uma só vez em sua vida ilimitada.

Logo depois dessas preliminares, Boécio introduz a idéia de um mundo eterno supostamente defendida por Aristóteles:

sottoposto alla provvidenza; in secondo luogo che Dio domina e dirige tanto l'ordine della provvidenza quanto quello del fato.' Luca Obertello. 'L'universo Boeziano'. *Congresso internazionale di studi Boeziani* (Pavia, 5-8 ottobre 1980). Atti a cura di Luca Obertello. Roma: Editrice Herder, 1981, p.167.

(26) 'Nam quicquid uiuit in tempore id praesens a praeteritis in futura procedit nihilque est in tempore constitutum quod totum uitae suae spatium pariter possit amplecti...' O'Donnell, James J. (ed.), *Boethius Consolatio Philosophiae. Op. cit.*, Livro 5, Prosa 6. A tradução portuguesa usada é de Willian Li, Boécio. *A Consolação da Filosofia. Op. cit.* p.150.

(27) *Confessiones* XI.

(28) '...crastinum quidem nondum apprehendit (quicquid) hesternum uero iam perdidit; in hodierna quoque uita non amplius uiuitis quam in illo mobili transitorioque momento.' O'Donnell, James J. (ed.) *Boethius Consolatio Philosophiae. Op. cit.*, Livro 5, Prosa 6.

(29) 'Non enim totum simul infinitae licet uitae spatium comprehendit atque complectitur, sed futura nondum, transacta iam non habet.' *Ibid.*

“Portanto, aquilo* que está sujeito à lei do tempo, mesmo se, como pensava Aristóteles acerca do mundo*, nem* começa e jamais cessa de ser e cuja vida se desenrola segundo o ritmo de um tempo ilimitado, não pode no entanto ser concebido como um ser eterno.”³⁰”

Nesse trecho, Boécio indica claramente que aquilo que vive no tempo não pode ser considerado eterno. Conquanto Aristóteles afirme que o mundo é ilimitado, isso não implica, segundo o Romano, que seja eterno, pois existem, como vimos, outras propriedades indispensáveis ligadas à noção de eternidade. De fato, aqueles que consideram que Aristóteles defende a tese de que o mundo é eterno, *stricto sensu* ou *iure*, erram, a partir da definição da eternidade dada por Boécio. Do mesmo modo, Platão não defende, segundo o mesmo, a tese da eternidade do mundo³¹. O princípio é simples: aquilo que está sujeito à lei do tempo vive fora da eternidade.

“De fato, uma coisa é percorrer uma vida sem limites, coisa que Platão atribui ao mundo, e outra é abarcar de uma só vez toda a presença de uma vida sem limites, o que evidentemente é próprio da inteligência divina.”³²”

(30) ‘Quod igitur temporis patitur condicionem, licet illud, sicuti de mundo censuit Aristoteles, nec coeperit umquam esse nec desinat uitaque eius cum temporis infinitate tendatur, nondum tamen tale est ut aeternum esse iure credatur.’ *Ibid.* A tradução portuguesa usada é a de W. Li, *op. cit.*, p.150, mas foi emendada por nós. As palavras seguidas de um asterisco foram corrigidas ou acrescentadas a partir da leitura do texto latino. A própria tradução dessa frase crucial, feita por Li, é enganadora e comporta uma contra-significação comprometedora: o termo ‘sempre’ é usado em vez de ‘nem’ para traduzir o latim *nec*. O resultado é o seguinte: ‘...aquele (em vez de ‘aquilo’: *quod*) que está sujeito à lei do tempo, mesmo se, como pensava Aristóteles <acerca do mundo> (falta essa última expressão: *de mundo*) sempre (em vez de ‘nem’ ou ‘nunca’: *nec*) começa e jamais (*nec*) cessa de ser...’

(31) ‘Unde non recte quidam, qui cum audiunt uisum Platoni mundum hunc nec habuisse initium temporis nec habiturum esse defectum hoc modo conditori mundum fieri coaeternum putant.’ O’Donnell, James J. (Ed). *Boethius Consolatio Philosophiae. Op. cit.*, Livro 5, Prosa 6.

(32) ‘Aliud est enim per interminabilem duci uitam, quod mundo Plato tribuit, aliud interminabilis uitae totam pariter complexum esse praesentiam, quod diuinae mentis proprium esse manifestum est.’ *Ibid.*

A partir dessa passagem, fica claro que o termo ‘eternidade’ tem de ser usado, de maneira estrita, apenas para se referir a Deus, que é o único a possuir inteiramente (*totus*) e de uma só vez a sua vida e a existir em um presente ilimitado. Repetimos que o mundo não é, estritamente falando, algo vivo, como o afirma Boécio nesse trecho, a não ser que o considere equivocadamente à maneira dos estoicos. Na verdade, a própria discussão sobre a eternidade do mundo é, *stricto sensu*, irrelevante, na medida em que a definição da eternidade do Romano e a sua explicação do temporal dizem respeito a algo vivo, isto é, a algo que tem uma certa consciência por ser perfeito, segundo sua própria descrição da eternidade. Seja como for, a idéia defendida na *Consolatio philosophiae*, segundo a qual tudo que vive no mundo vive em um presente temporal, distinto do presente divino, é igualmente exprimida no *De trinitate*:

“Quanto ao que é dito de Deus, que ‘Ele é sempre’ (*semper est*), isso tem um único significado: que terá sido, por assim dizer, em todo o passado, que seja, de um certo modo, em todo o presente e que será em todo o futuro. Segundo os filósofos, isso pode ser aplicado ao céu e a outros corpos imortais. Mas ele não pode ser aplicado a Deus. Na verdade, Ele é sempre, já que ‘sempre’ está n’ Ele no tempo presente: o presente divino difere do presente das nossas realidades, que é um agora (*nunc*), na medida em que o nosso ‘agora’, que, por assim dizer, corre, produz o tempo e a sempiternidade. Todavia, o ‘agora’ divino, permanente, imóvel e constante produz a eternidade. Se acrescentares a esse nome (eternidade) ‘sempre’, farás desse agora uma corrida contínua e incessante e, assim, perpétua, o que é a sempiternidade.³³”

(33) ‘Quod uero de deo dicitur ‘semper est’, unum quidem significat, quasi omni praeterito fuerit, omni quoquo modo sit praesenti est, omni futuro erit. Quod de caelo et de ceteris immortalibus corporibus secundum philosophos dici potest, at de deo non ita. Semper enim est, quoniam ‘semper’ praesentis est in eo temporis tantumque inter nostrarum rerum praesens, quod est nunc, interest ac diuinarum, quod nostrum ‘nunc’ quasi currens tempus facit et sempiternitatem. Diuinum uero ‘nunc’ permanens neque mouens sese atque consistens aeternitatem facit. Cui nomini si adicias ‘semper’, facies eius quod est nunc iugem indefessumque ac per hoc perpetuum cursum quod est sempiternitas.’ *Quomodo trinitas vnus deus ac non tres dii* 28-32, in Boèce, *Traité théologiques*. Op. cit. p.156-158. A tradução portuguesa é nossa.

Esta passagem, importante para nosso tema encontra-se na explicação dada por Boécio da categoria do tempo. Sua principal preocupação aqui é mostrar que o homem não pode ter uma outra concepção da eternidade, senão a baseada no modelo temporal da sempiternidade. De fato, essa distinção entre eternidade, que é própria a Deus, e sempiternidade, que concerne ao homem, é, aparentemente, peculiar a Boécio. Por exemplo, Agostinho usa, aparentemente sem distinção, essas duas palavras para se referir a Deus³⁴, como também o faz Tomás de Aquino³⁵. Notamos que o Romano também usa o termo *perpetuus* com o mesmo sentido da palavra 'sempiternidade'³⁶. Por outro lado, há de se destacar que Boécio afirma, nesse trecho, que alguns corpos são imortais, segundo a concepção dos filósofos, o que inclui provavelmente o mundo. Todavia, se o mundo puder ser considerado imortal, ele não pode ser visto como eterno, que é, como vimos anteriormente, uma categoria estritamente reservada a Deus; Deus é o único a viver no presente ilimitado.

A concepção da eternidade de Boécio como 'posse inteira e perfeita de uma vida ilimitada' alude a uma realidade outra ou maior do que a perpetuidade, a eviternidade (*aeviternum*)³⁷ ou a sempiternidade. O Romano está se referindo, antes, a um presente absoluto, que não é, aparentemente, um mero instante

(34) 'Ego cum dicerem necessitate universa fieri quae Deus futura praescivit, ea sola intuebar quae in creatura eius fiunt, non autem quae in ipso: non enim ea fiunt, sed sunt sempiterna.' Agostinho. *De libero arbitrio*. III, III, 6, in *Oeuvres de saint Augustin* 6. VI *Dialogues philosophiques: De magistro-De libero arbitrio*. Texte de l'édition bénédictine, traduction, introduction et notes de F.J. Thonnard. Paris: Desclée de Brouwer et Cie, 1952, p.336.

(35) 'Vita Dei est sempiterna et sine successione.' Tomás de Aquino. *Summa contra gentiles* I, 99, in: *In opera Sancti Thomae Aquinatis Index seu tabula aurea*, eximii doctoris F. Petri de Bergomo. Editio fototypica. Roma: Editiones Paulinae, 1960, p.1009.

(36) 'Itaque si digna rebus nomina uelimus imponere, Platonem sequentes deum quidem aeternum, mundum uero dicamus esse perpetuum.' O'Donnell, James J. (Ed). *Boethius Consolatio Philosophiae*. *Op. cit.*, Livro 5, Prosa 6.

(37) Cf. S.T. I, q.10.

fixo e espontâneo, mas, sim, uma certa duração, que é, paradoxalmente, infinita e atemporal. A definição boeciana é, antes de tudo, destinada a marcar um contraste com a vida temporal e finita (...tal como podemos concebê-la conforme ao que é temporal³⁸), ou seja, o nosso único ponto de comparação. Essa descrição não é completamente original, apesar de ter tido uma influência mais do que respeitável. Há uma inspiração notável das concepções da eternidade de Plotino e de Agostinho. No fundo, a descrição boeciana da eternidade não se reduz à famosa frase de Agostinho: *Aeternitas, ipsa Dei substantia est*³⁹? (A eternidade é a própria substância divina). Todavia, Boécio possui o grande mérito de tê-la descrito em uma fórmula concisa e mnemônica. Por outro lado, sua concepção do mundo como imortal e não eterno já é mais original. Nesse caso, Boécio é um dos principais precursores de um debate, que, na segunda parte da Idade Média, foi quase tão importante quanto o sobre os universais, no qual também marcou a sua influência.

RESUMO

A questão da eternidade faz parte do discurso filosófico desde os primeiros pensadores gregos. Parmênides já afirmava que o Ser é, ou seja, Ele não nasce, nem morre: Ele é eterno. Mas o problema da eternidade torna-se mais intenso quando se trata explicitamente da divindade, dado que a eternidade constitui uma propriedade essencial a Deus. No mundo cristão, Agostinho expõe, nas Confissões, uma concepção da eternidade, que tornar-se-á uma referência incontornável para os autores ulteriores. O outro grande modelo cristão é o de Boécio, nos séculos V-VI d.C., cuja definição clássica da eternidade é retomada, entre outros, por Tomás de Aquino na sua Suma Teológica. Sua descrição diz respeito essencialmente a Deus, ainda que tenha tido repercussão em relação ao mundo. No presente artigo, examinamos, de maneira detalhada, essa definição boeciana da eternidade, que exerceu uma grande influência no pensamento dos séculos ulteriores até hoje, sobretudo a questão da

(38) Ver a nota 6 *supra*.

(39) Ps. 101, n.10, citado por É. Gilson. *Introduction à l'étude de saint Augustin*. Troisième édition. Paris: Librairie philosophique J. Vrin, 1949, p.27.

GUY HAMELIN

eternidade relacionada ao mundo, que foi um tema de predileção nos últimos séculos da Idade Média. Nosso estudo mostra que a conclusão, à qual chega Boécio, de que apenas Deus é eterno e de que Ele se relaciona com o mundo em um presente absoluto, não é isenta de dificuldades e elimina, sobretudo, a concepção grega de um mundo eterno.

Palavras chave: Eternidade, Deus, Mundo, tempo, atemporalidade.

ABSTRACT

The issue of eternity has taken part in the philosophical discourse since the first Greek thinkers. Parmenides had already affirmed that Being is, in other words, that Being does not come to be, neither perishes: being is eternal. But the problem of eternity becomes more intense, when it explicitly concerns divinity, given that eternity constitutes an essential property of God. Within the Christian world, Augustine presents, in the Confessions, a conception of eternity which will turn into an unavoidable reference for the ulterior authors. The other main Christian model is the one of Boethius's, in the V-VI a.C centuries, whose classical definition of eternity is resumed, among others, by Thomas Aquinas in his Summa Theologica. His description is essentially concerned with God, although it has had repercussion regarding the world. In this article I examine in detail Boethius's definition of eternity, which was of a great influence from the thought of the ulterior centuries up to nowadays, especially the question of eternity as related to world, which has been a favorite theme in the last centuries of the Middle Ages. Our study shows that the conclusion arrived by Boethius, according to which only God is eternal and is related to the world in an absolute present, it is not exempt of difficulties and eliminates, above all, the Greek conception of an eternal world.

Keywords: Eternity, God, World, Time, Timelessness.

ANALYTICA

volume 7
número 1
2003